

Estudo exploratório sobre a mobilidade ocupacional recente na Região Metropolitana de Porto Alegre*

Cidriana Parenza**

Eduardo Miguel Schneider***

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Assistente Social da Prefeitura de Porto Alegre na Gerência de Informações da Secretaria Municipal de Coordenação Política e Governança Local, Técnica responsável pela Pesquisa de Emprego e Desemprego de Porto Alegre Economista pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Especialista em Gestão Pública Participativa pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Mestrando em Economia do Desenvolvimento pela Pontifícia Universidade Católica (RS) e bolsista de pesquisa da Rosa Luxemburg Stiftung (Alemanha), Coordenador da Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de Porto Alegre pelo DIEESE

Resumo

Identifica-se a transferência e a mobilidade ocupacional no mercado de trabalho formal da Região Metropolitana de Porto Alegre, de trabalhadores jovens e adultos, no período 2003-06. Utilizando a base de dados RAISMIGRA, verifica-se o retorno para as ocupações de origem, o que permite a classificação da transferência em baixa, média e alta. Adicionalmente, a mobilidade é qualificada em ascendente ou descendente, a partir da elaboração de um índice de qualidade. Dentre os resultados alcançados, constata-se, tanto para os adultos quanto para os jovens trabalhadores, a predominância das ocupações com alta transferência ocupacional e a supremacia da mobilidade descendente.

Palavras-chave: transferência ocupacional; mobilidade ocupacional; RAISMIGRA.

Abstract

It is identified the occupational transference and mobility into formal job market of Região Metropolitana de Porto Alegre (Porto Alegre metropolitan area), of young and adult workers, in the period between 2003 and 2006. Using RAISMIGRA data, it is verified the return from the original occupation and this enables to qualify the transference in low, middle or high.

* Artigo recebido em 24 out. 2009.

** E-mail: cidriana@gmail.com

*** E-mail: ems@dieese.org.br

Additionally, the occupational mobility is qualified in ascendant or descendant, based in the elaboration of a quality index. Between results, it is evidenced, from both young and adult workers, the predominance of high occupational transference and the supremacy of descendant mobility.

Key words: *occupational transference; occupational mobility; RAISMIGRA data.*

Apresentação

O estudo apresentado neste artigo insere-se em um projeto de pesquisa que visa a analisar a qualificação profissional para aqueles trabalhadores sujeitos a trajetórias instáveis no mercado de trabalho¹. A instabilidade remete à mobilidade constante entre a ocupação e a desocupação, ou, ainda, como denomina Franzoi (2006), a trajetórias sem continuidade quanto ao local de trabalho e à área de atividade. A fim de contribuir para essa proposta, desenvolveu-se a presente investigação, que busca identificar a mobilidade ocupacional de trabalhadores no mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), no período 2003-06. Nessa fase do projeto, o foco esteve direcionado à exploração de dados estatísticos, tendo em vista pesquisar os fluxos de trabalhadores formais entre os distintos grupos ocupacionais, em um breve período de tempo, e distinguir as ocupações com maior instabilidade, dada a descontinuidade do seu exercício, o que se denominará transferência ocupacional. Para tanto, tornou-se necessário delinear uma série de procedimentos metodológicos que permitissem dar visibilidade à mobilidade ocupacional. Portanto, este estudo visa, ao cabo, a lançar luz sobre o processo de delimitação das ocupações que serão objeto do referido projeto de pesquisa.

Por um lado, o interesse no estudo da mobilidade ocupacional associa-se às características peculiares e históricas do mercado de trabalho brasileiro, marcado por uma forte instabilidade nas relações de trabalho, ampliada, sobremaneira, pelas rápidas transformações da estrutura produtiva brasileira nas últimas décadas. Por outro, tal interesse ganha relevância para o caso dos trabalhadores com trajetórias mais instáveis, pois arguir

sobre qualificação, nesse caso, se traduz em um desafio teórico e metodológico, na medida em que a instabilidade não permite o acúmulo de saberes em nenhuma área específica, negando, assim, a própria possibilidade da qualificação profissional.

Este artigo contém os principais resultados da investigação empreendida e está estruturado, basicamente, em quatro seções. A primeira apresenta os principais achados na revisão da literatura sobre mobilidade ocupacional, procurando estabelecer o arcabouço teórico que subsidia a definição da estratégia metodológica para o estudo. A segunda descreve os aspectos metodológicos referentes à abordagem e à técnica utilizadas no estudo exploratório, com base nas estatísticas do painel de trabalhadores formais da RAISMIGRA, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Já a terceira e a quarta seções revelam os principais resultados alcançados neste estudo. Concluindo o artigo, as **Considerações finais** são dedicadas a sintetizar as principais contribuições para o projeto de pesquisa que será desenvolvido, ressaltando a potencialidade da base de dados utilizada para a investigação da mobilidade ocupacional.

1 Mobilidade ocupacional: uma breve revisão bibliográfica

Inicialmente, buscou-se conceituar mobilidade ocupacional, o que remeteu à noção de migração profissional. A partir disso, realizou-se a revisão, na literatura, dos estudos desenvolvidos sobre a temática. A bibliografia consultada pôde ser reunida, segundo sua abordagem de mobilidade ocupacional, em dois grandes grupos: aquele que abarca a produção sobre mobilidade social e o que reúne as pesquisas sobre mobilidade no mercado de trabalho.

¹ Projeto sendo desenvolvido por um dos autores no Programa de Pós-Graduação em Educação (doutorado) da UFRGS, na linha de pesquisa Trabalho, Movimentos Sociais e Educação.

1.1 Conceituando mobilidade ocupacional

Uma primeira tentativa de definição de mobilidade ocupacional encontrou em Fourastié (1973) a noção de migrações profissionais que, para o autor, consistem no deslocamento de um para outro ofício e de um para outro ramo e setor de atividade econômica. Esses deslocamentos, para Fourastié (1973, p. 251), “[...] resultam de influências múltiplas e variadas, de ordem afetiva, física, psicológica, social ou técnica, frequentemente sem correlação umas com as outras”. No entanto, as grandes tendências nos movimentos dos trabalhadores, nos Setores Primário, Secundário e Terciário, sofrem a influência, conforme o autor, do desenvolvimento econômico associado às variações no consumo – vinculadas às rendas nacional e *per capita* – e na produção – ligadas ao progresso das técnicas de produção e, assim, da produtividade.² Em última instância, o consumo e o progresso técnico afetam a oferta de emprego nos diferentes setores de atividade, ocasionando os movimentos no mercado de trabalho. Em Naville (1973a; 1973b), essa noção de movimentos no mercado de trabalho é ampliada, com a identificação de tipos essenciais de movimentos associados ao ajustamento do mercado de trabalho.³

² Fourastié (1973) fundamenta-se em Fisher (1935) e Clark (1940). Fisher (*apud* Fourastié, 1973, p. 250) observou que o deslocamento da mão de obra da agricultura para a indústria e, a seguir, para o comércio e os serviços consistia num fenômeno comum a diferentes países. Clark (*apud* Fourastié, 1973, p. 250) associou essa tendência às mudanças na estrutura de consumo e às diferenças na produtividade dos diversos ramos da atividade.

³ Para o autor, os movimentos dos trabalhadores, que, em geral, ocorrem de forma combinada, podem ser: de um empregador a outro; de uma região geográfica a outra; da população empregada à população não empregada e vice-versa; da população produtiva à população improdutiva e vice-versa; de uma situação social a outra (de assalariado a artesão ou pequeno patrão e vice-versa); de uma posição hierárquica a outra (por exemplo, de operário a contramestre); de uma geração a outra; da ocupação simultânea de vários empregos; da ocupação que tecnicamente coexiste com o exercício do ofício, como, por exemplo, o trabalhador polivalente, ou as rotações que ocorrem em termos de posto de trabalho; e, por fim, a mobilidade resultante da mudança de lugar, ligada ao exercício da atividade profissional, como no caso dos trabalhadores ambulantes (Naville, 1973a; 1973b).

1.2 Mobilidade ocupacional como meio para verificar a mobilidade social

A temática mobilidade ocupacional é, igualmente, evidenciada na produção intelectual acerca da mobilidade social. Apesar da maior amplitude desta última quando comparada à primeira, os estudos sobre mobilidade social, em geral, associam o movimento entre posições diferentes na estratificação social de cada sociedade à mobilidade entre distintas ocupações. Operacionalmente, nesses estudos, a mobilidade social é tratada como mobilidade ocupacional, analisando-se, predominantemente, os fluxos intergeracional (ocupação e escolaridade dos pais e dos filhos) e intrageracional (ocupações de um mesmo indivíduo ao longo de sua trajetória de vida). Para tanto, as ocupações são ordenadas em escalas que consideram o seu prestígio social, tendo como pontos de corte principais a diferenciação entre trabalho rural, urbano, manual e não manual. A partir da escala ocupacional, torna-se possível verificar a direção dos fluxos, ou seja, se a mobilidade é ascendente, descendente ou sem alteração na hierarquia.

Em uma revisão crítica da literatura sobre mobilidade social em nível internacional, Silva (1999) sublinha a proximidade entre as pesquisas e as análises quantitativas e lista três diferentes tradições metodológicas. A primeira abordagem data dos anos 50 e 60 e baseia-se no modelo de independência estatística entre origem e destino social, ou seja, nas chances de mobilidade, não eram consideradas as influências da origem. Ainda na década de 60, o autor localiza as críticas a esse primeiro ciclo de pesquisa juntamente com uma proposta de maior amplitude denominada modelo de realização de *status*, a qual alargaria o campo de análise, incluindo aspectos antes não observados, como, por exemplo, a educação, a etnia e a situação migratória, constituindo, portanto, a segunda abordagem. A partir de 1980, a sofisticação dos métodos de análise estatística, com a aplicação de modelos log-lineares, deu início a uma nova fase nas pesquisas sobre o tema. Nesse terceiro ciclo, passou-se a considerar a possibilidade de quase independência entre origem e destino sociais. No que diz respeito à produção intelectual brasileira sobre mobilidade social, Silva (1999) identifica pesquisas alinhadas à literatura internacional, associadas, conforme

o autor, predominantemente à perspectiva metodológica do primeiro ciclo de pesquisas internacionais.⁴

Em termos de produção nacional, vale salientar a de Pastore (1979) e a de Silva (1979), dado o volume de estudos levados a cabo, bem como os recentes trabalhos de Scalon (1997) e de Jannuzzi (1999), que analisam mobilidade e migração.⁵ Um dos pontos em comum nessas obras é a identificação de altos níveis de mobilidade no Brasil, porém uma mobilidade de curta distância, tendo em vista o fechamento do topo da pirâmide social nacional. Além disso, sobressaiu-se a mobilidade de tipo estrutural, ou seja, o movimento derivado da abertura de novas oportunidades, que, no caso brasileiro, estiveram associadas à passagem da sociedade agroexportadora para a industrial, com a progressiva ampliação da indústria, do comércio e dos serviços e o deslocamento da população rural em direção às cidades. Tal evidência, por um lado, remete aos fatores identificados por Fourastié (1973) como desencadeadores dos deslocamentos no mercado de trabalho; por outro, ela não excluiu a coexistência, em menor medida, da mobilidade de tipo circular, com a troca de ocupantes de uma mesma ocupação, o que prevaleceu em períodos de crise econômica. Ao mesmo tempo, os estudos mais recentes apontam a queda da mobilidade ascendente e o aumento da imobilidade e da mobilidade descendente a partir dos anos 80.

O presente trabalho não tem a pretensão de versar sobre a mobilidade social, o que demanda a análise de longos períodos de tempo. A análise aqui empreendida é mais singela, centrando-se nos fluxos entre grupos de ocupações no curto prazo; contudo o período analisado possui potencial para caracterizar o que ocorre em um momento favorável à geração de ocupações e, portanto, às possibilidades de movimentação. Não obstante o diferencial que afasta da produção acerca do fluxo entre distintos estratos sociais, a referência aos movimentos de ascensão ou descendência utilizados no presente estudo aproxima-se daqueles da produção sobre mobilidade social.

1.3 Mobilidade ocupacional como mobilidade no mercado de trabalho

Uma outra abordagem são as pesquisas cujo objeto de estudo está diretamente relacionado à mobilidade no mercado de trabalho. Aqui, a diversidade de compreensões sobre a mobilidade ocupacional é evidente, abrangendo uma ampla gama de movimentos no mercado de trabalho. Entre essa gama, encontra-se a perspectiva que define mobilidade ocupacional como tempo de permanência nos postos de trabalho. Nesse sentido, utilizando estatísticas nacionais oriundas do Governo de Portugal, Marques (1995) estuda a mobilidade ocupacional no período 1980-90, observando a distribuição dos trabalhadores por atividade, conforme a antiguidade na empresa e as profissões de maior rotatividade. A autora verifica, dentre outros, que os trabalhadores com menor tempo de serviço concentravam-se nos setores tradicionais de atividade, nos serviços menos qualificados e nas pequenas empresas. Através da RAISMIGRA, Albuquerque (2008) direciona o foco para os jovens (de 18 a 24 anos) brasileiros que tiveram um primeiro vínculo formal de trabalho em 1996 na indústria de transformação. Verificando a quantidade de desligamentos desses trabalhadores ao ano e no período 1996-05, a autora busca o efeito da rotatividade de emprego sobre os salários. Além de identificar uma relação entre as duas variáveis, a pesquisadora evidencia a migração setorial de 50% desses jovens em direção aos setores de serviços e comércio.

Compondo, do mesmo modo, as pesquisas sobre mobilidade no mercado de trabalho, nos anos 90, no Brasil, ganharam expressão os estudos longitudinais sobre trajetórias de trabalhadores no mercado de trabalho. A hipótese que norteou essas pesquisas era que a reestruturação tecnológica introduzida nas empresas afetaria a possibilidade de permanência no emprego e de retorno ao setor de atividade e à ocupação exercida. De forma inovadora, os autores experimentam a base de dados que deu origem à RAISMIGRA, através da qual seguiram trajetórias no mercado formal de trabalho de demitidos da indústria em 1989. Dentre os diversos achados desses estudos, salientam-se as dificuldades de retorno ao mercado de trabalho formal, em qualquer setor de atividade, enfrentadas pelos trabalhadores liberados da indústria (Cardoso, 2000), bem como o desenho de padrões de trajetórias: (a) de exclusão dos empregos formais; (b) de reconversão para os serviços

⁴ Para um maior aprofundamento, sugere-se a consulta a Silva (1999).

⁵ Explicita-se que os estudos utilizaram informações obtidas em questionários suplementares à **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios** (PNAD) aplicados em 1973, 1976, 1982, 1988 e 1996. Nesses suplementos, perguntou-se acerca do exercício de ocupações em três pontos: o da ocupação do pai, o da primeira ocupação do entrevistado e o da ocupação atual do entrevistado (momento da entrevista).

ou para o comércio; e (c) de preservação, com o retorno à indústria (Guimarães, 2004).⁶ Resultados aproximados foram evidenciados por Sternberg (2001), ao reconstituir as trajetórias de trabalhadores desligados em 1994, no Rio Grande do Sul, ao longo do período 1995-98. De forma semelhante, Oliveira (1992) tratou dos impactos da reestruturação dos lanifícios da região de Covilhã, em Portugal, sobre as trajetórias dos trabalhadores. Além de identificar a convivência do desemprego de longa duração e do repetitivo, evidenciou uma forte mobilidade intersetores e interempresas.

Ainda na linha dos efeitos das inovações tecnológicas, no entanto, pressupondo que a difusão tecnológica proporcionou novas possibilidades ocupacionais, destaca-se o trabalho de Rodrigues, Oliveira e Albuquerque (2008). Os autores investigam a mobilidade ocupacional no Brasil segundo o nível tecnológico das ocupações. A fim de construir uma classificação tecnológica das ocupações e averiguar as mobilidades intergeracional e intrageracional, foram utilizadas informações da Pesquisa Industrial e da PNAD de 1996, ambas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Entre os resultados encontrados, está a mudança gradual do mercado de trabalho em direção à modernização das ocupações. Apesar das diferenças regionais e de etnia, verificou-se diminuição de indivíduos alocados em ocupações com menor teor tecnológico e aumento naquelas de alto nível tecnológico.

Uma outra forma de tratar a mobilidade ocupacional é definindo-a como fluxos de indivíduos entre condições de atividade (ocupação, desemprego e inatividade) e posições ocupacionais (assalariados, conta-própria e empregadores). Utilizando um questionário suplementar à **Pesquisa de Emprego e Desemprego** na Região Metropolitana de São Paulo (PED-RMSP), em 2001 — com perguntas retrospectivas sobre a situação ocupacional entre 1994 e 2001 — e entrevistas biográficas em 2002 e 2004, uma equipe de pesquisadores analisou as transições ocupacionais e os padrões de trajetórias no mercado de trabalho (Guimarães, 2006). Dentre os resultados, a maior evidência foi, entre os desempregados, um elevado volume de transições entre ocupação, desemprego e inatividade e das reduzidas experiências duradouras de emprego, o que dificultou, até mesmo, a identificação de um padrão de trajetória. Um pouco

diferente mostraram-se os percursos dos ocupados, que apresentaram maior estabilidade e a preponderância do assalariamento em suas trajetórias de trabalho. Nessa mesma direção e com semelhante abordagem da mobilidade ocupacional, porém incluindo informações sobre mudanças nos setores de atividade e nas ocupações exercidas, Brandão *et al.* (2006) identificaram, através de questionário complementar à PED, na RMSP, em 1996, com perguntas retrospectivas ao período 1990-96, que 50% dos ocupados nesse último ano tinham passado por alguma mudança de ocupação e de setor de atividade.

Por fim, apresentam-se outros três trabalhos que guardam maior proximidade com a proposta aqui esboçada. Trata-se dos estudos de Pero (2006), de Bianchi e Pastore (1999) e de Machado e Oliveira (1999). O primeiro utilizou dados da RAISMIGRA, acompanhando os trabalhadores formais, entre 1994 e 1997, no Rio de Janeiro. O esforço da autora foi no sentido de analisar as chances de mobilidade ocupacional segundo três tipos de trajetórias: de emprego estável, abarcando os trabalhadores que permaneceram empregados na mesma empresa no período analisado; de emprego com rotatividade, compreendendo os trabalhadores com troca de emprego; e de exclusão do mercado de trabalho formal, abrangendo aqueles que saíram do emprego formal em 1994 e somente retornaram em 1997. Nessas diferentes trajetórias, o estudo compara a ocupação exercida em 1994 e 1997 e, desse modo, identifica a imobilidade ocupacional, a mobilidade ascendente e a descendente. Em grandes linhas, a autora verifica a associação entre trajetória de emprego estável e mobilidade ascendente e trajetória de exclusão e mobilidade descendente.

No estudo de Bianchi e Pastore (1999), realizado a partir das informações oriundas do questionário suplementar à **Pesquisa Mensal de Emprego** (PME) do IBGE aplicado em 1996, os pesquisadores comparam as posições na ocupação e as ocupações exercidas entre 1991 e 1996. Quanto à posição na ocupação, na esteira de outros estudos, descobriram uma maior estabilidade entre os empregados e, em sentido oposto, uma maior mobilidade entre os empregadores. Relativo às ocupações, as famílias ocupacionais foram agrupadas em três conjuntos: ocupações de permanência elevada, aquelas em que 60% de seus integrantes exerciam a mesma ocupação em 1991 e 1996; ocupações de baixa permanência, quando menos de 30% dos integrantes exerciam a mesma ocupação no início e fim do período; e ocupações de média permanência, aquelas situadas entre os dois extremos. A partir dessa segmentação das famílias de ocupações, o estudo evidencia que um número expressivo de ocupações de elevada permanência

⁶ Trata-se de um grupo de pesquisadores que tiveram o mérito de inovar metodologicamente nos estudos sobre o mercado de trabalho. Para maiores detalhes, sugere-se consultar Castro, Cardoso e Caruso (1997), Caruso e Pero (1997) e Cardoso, Comin e Guimarães (2006).

correspondiam às de nível superior (médicos, engenheiros, advogados, etc.) e, no outro extremo, encontravam-se aquelas famílias onde predominavam baixa escolaridade e baixa qualificação profissional (serventes de pedreiro, atendentes, etc.). Consequentemente, os autores sugerem uma possível associação, em alguns casos, entre permanência na ocupação e características destas. Outrossim, identificam que, no caso de mobilidade ocupacional de curta distância, os movimentos ocorrem entre categorias adjacentes. Utilizando a mesma fonte de informações, Machado e Oliveira (1999) analisam as transições entre diferentes condições de atividade e categorias socioocupacionais, segundo os atributos pessoais (raça, sexo, idade e escolaridade). Entre os resultados desse estudo, está a prevalência da mobilidade ascendente sobre a descendente, o que difere conforme as características pessoais.

Como no estudo de Bianchi e Pastore (1999), a presente proposta compara as ocupações exercidas entre 2003 e 2006 e identifica o retorno, ou não, à mesma ocupação; porém, como pode ser depreendido da seção que trata dos aspectos metodológicos, o foco não foi direcionado à permanência na ocupação, mas, sim, à transferência ocupacional. Isso decorre do objetivo específico deste estudo: identificar ocupações com maior instabilidade, entendida como transferência ocupacional. Ao mesmo tempo, aproxima-se da pesquisa de Pero (2006), na medida em que utiliza a mesma base de dados em painel, a RAISMIGRA, e classifica a transferência ocupacional, a partir de alguns indicadores, em mobilidade ascendente ou descendente. Depreende-se que a proximidade ocorre em nível metodológico; portanto, poderá ser melhor compreendida a partir da próxima seção, onde se explicitam os aspectos metodológicos da investigação ora desenvolvida.

2 Aspectos metodológicos

Alicerçado no breve inventário do estado das artes na literatura acerca da mobilidade ocupacional, esta seção delineará em pormenores a estratégia metodológica para este estudo. De antemão, cabe justificarem-se algumas definições acerca dos aspectos relacionados à abrangência dessa abordagem, para, em seguida, especificar as técnicas de tratamento dos dados que serão utilizadas no estudo exploratório do objeto.

2.1 Abrangência

O estudo propõe-se a explorar a questão da mobilidade ocupacional a partir de uma base de dados específica, a RAISMIGRA⁷, no intuito de levantar informações que possam contribuir para uma etapa do projeto de pesquisa maior, conforme referido na apresentação. Para tanto, não se pretende aqui esgotar todas as grandes possibilidades informacionais da referida base de dados, mas proceder, no que se insiste desde o início do artigo, a uma primeira exploração dessa base. Ademais, como visto na revisão da literatura, outros estudos já se apoiaram nas mesmas estatísticas para a investigação da mobilidade ocupacional, porém com uma abordagem distinta da pensada para o atual estudo, diferença esta que ficará evidente ao longo desta seção.

Em termos geográficos, optou-se por focar a investigação na RMPA⁸. Tal restrição do recorte geográfico apoiou-se, basicamente, em duas questões. A primeira fundamenta-se na diretriz do método indutivo em estudos exploratórios, no qual se parte do particular para atingir-se, em estados mais avançados da pesquisa, o geral. A segunda também remete à natureza exploratória do estudo, mas fundamenta-se no maior conhecimento dos autores sobre essa realidade regional, o que permite maior confiança nos resultados finais alcançados, uma vez que todas as etapas do tratamento dos dados passaram por uma análise criteriosa de consistência frente à realidade do mercado de trabalho regional. Por outro lado, a forte conurbação e o movimento pendular de trabalhadores em

⁷ A RAISMIGRA é uma base de dados do MTE, derivada da **Relação Anual de Informações Sociais** (RAIS) e visa ao acompanhamento geográfico, setorial e ocupacional da trajetória dos trabalhadores ao longo do tempo. Por meio do cadastro do trabalhador no Programa de Integração Social (PIS), ela permite seguir os vínculos formais de trabalho, bem como coletar informações sobre atributos desses trabalhadores. Existem dois modelos de RAISMIGRA: a Painel, que possibilita conhecer a mobilidade do indivíduo no mercado de trabalho formal; e a Vínculo, que viabiliza investigar a duração de emprego, desemprego e reinserção. Cabe mencionar que essa base está restrita ao mercado formal, entretanto é considerada um censo do emprego formal e é importante por possibilitar dados municipais. Tendo em vista os objetivos deste estudo, utiliza-se a RAISMIGRA Painel. Para aprofundamento, ver Sternberg (2001), Guimarães (2004) e MTE (Brasil, 2007).

⁸ São 31 os municípios que compõem a RMPA: Alvorada, Araricá, Arroio dos Ratos, Cachoeirinha, Campo Bom, Canoas, Capela de Santana, Charqueadas, Dois Irmãos, Eldorado do Sul, Estância Velha, Esteio, Glorinha, Gravataí, Guaíba, Ivoti, Montenegro, Nova Hartz, Nova Santa Rita, Novo Hamburgo, Parobé, Portão, Porto Alegre, Santo Antônio da Patrulha, São Jerônimo, São Leopoldo, Sapiranga, Sapucaia do Sul, Taquara, Triunfo e Viamão.

regiões metropolitanas desautorizam que se trabalhe com uma desagregação menor que o perímetro metropolitano.⁹

Já o período 2003-06 foi escolhido em função de restrições da base de dados que se pretende explorar, bem como das características próprias à mobilidade ocupacional. Na década de 90, a estrutura produtiva nacional passou por um forte processo de reestruturação produtiva, o que repercutiu sobremaneira na estrutura ocupacional brasileira. Tal mudança no quadro de ocupações motivou, em 2002, a alteração da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Ocorre que essa nova CBO não é perfeitamente compatível com a antiga, gerando alguns espaços ocupacionais não coincidentes que poderiam prejudicar os resultados da investigação.¹⁰ Assim, definiu-se 2003 como o ano inicial, mesmo sabendo que a mobilidade ocupacional é, por sua natureza, tradicionalmente tratada na literatura como um fenômeno de longo prazo – motivo pelo qual se toma o cuidado de reiterar o alerta de que se está trabalhando com o fenômeno em um curto período de tempo, contudo recente. Já o ano final, 2006, é dado pela própria disponibilidade de dados atualizados da RAISMIGRA, mas encontra forte respaldo no fato de que, uma vez desligado, a volta do trabalhador ao mercado de trabalho formal ocorre, mormente, no primeiro ano após seu desligamento e apenas residualmente no segundo e no terceiro ano, de modo que, a partir do quarto, seu retorno seria bem menos provável.¹¹ Ademais, esse período como um todo apresenta características que favorecem o atual estudo,

uma vez que, em seu ano-base (2003), houve sérias dificuldades no mercado de trabalho, com muitas demissões, ao passo que os anos seguintes foram de recuperação desse mercado, com substanciais contratações de trabalhadores. Desse modo, este estudo analisa basicamente um período de recuperação do mercado de trabalho, onde muitos indivíduos demitidos em 2003 tiveram efetivas oportunidades de reinserção nos anos que se seguiram.

Portanto, em síntese, está-se tratando com um grupo de trabalhadores que, no ano de 2003, desempenhava atividade com vínculo formal de trabalho¹² na RMPA e que tiveram seus contratos rescindidos em algum momento do referido ano, permanecendo sem uma nova inserção no âmbito da formalidade até 31.12.03. Acompanhou-se a trajetória desse painel de trabalhadores desligados¹³ no triênio 2004-06, verificando o seu retorno ao mercado de trabalho formal a partir de sua ocupação de origem e de destino, buscando identificar e qualificar a mobilidade ocupacional recente.

Assim, resta uma terceira e importante delimitação, qual seja, a abrangência ocupacional a ser adotada no estudo. Vários são os níveis de desagregação ocupacional da CBO 2002, cada qual com suas vantagens e limitações frente aos outros níveis, de modo que foi necessário implementar uma investigação específica, inclusive sobre o próprio processo de construção da CBO 2002, a fim de que se pudessem compreender com mais clareza as repercussões da adoção de um ou outro nível de desagregação.¹⁴ Como essa investigação se situa fora

⁹ De forma ilustrativa, salienta-se que, em 2001, 28% dos ocupados em Porto Alegre residiam nos municípios vizinhos. Esse percentual passou para 26,8% em 2006. De outra forma, em 2006, 5,3% dos ocupados nos demais municípios da RMPA moravam em Porto Alegre (Follador; Soares, 2002; Schneider; Parenza, 2008).

¹⁰ Nesse particular, salienta-se que, por se tratar de um registro administrativo, há sempre que se considerar algum erro de declaração embutido, que incide com maior frequência em tabulações mais desagregadas, ou seja, quando se tenta "recortar" mais a base para a investigação de um fenômeno mais específico ou menos frequente. Tal fato corrobora a preocupação em não investigar, neste estudo exploratório, um período de cobertura superior à vigência de uma classificação de ocupações, pois, sabendo que a informação sobre ocupações é um dado bastante desagregado, a combinação entre possíveis erros de declaração e incompatibilidade entre classificações poderia exacerbar as distorções nos resultados finais.

¹¹ Acompanhando trajetórias pós-desligamento de trabalhadores no mercado de trabalho da RMPA, no período 2003-06, e utilizando, igualmente, a RAISMIGRA, Parenza e Sandi (2009) evidenciam que, entre os trabalhadores que lograram a reinserção no mercado de trabalho formal, 70% dos retornos ocorreram ainda no primeiro ano subsequente ao desligamento. Resultados semelhantes foram evidenciados por Sternberg (2001), ao reconstituir as trajetórias de trabalhadores desligados em 1994, no RS, ao longo do período 1995-98.

¹² São trabalhadores com contratos de trabalho regidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), ou por estatuto próprio, ou, ainda, por outros contratos estabelecidos no âmbito legal, como, por exemplo, os servidores públicos não efetivos, os trabalhadores temporários e os aprendizes. Cerca de 92% dos trabalhadores abrangidos pela RAISMIGRA são celetistas ou estatutários.

¹³ Optou-se pelo termo desligados, pois a interrupção do contrato de trabalho pode ter ocorrido por iniciativa do empregador (demissão), ou do trabalhador, ou, ainda, por motivo de aposentadoria, falecimento, dentre outros. Vale destacar que, do total dos trabalhadores que compõem este estudo, 67% deles tiveram seu contrato de trabalho rescindido por iniciativa do empregador e sem justa causa; em 12% dos casos, a rescisão contratual foi por iniciativa do empregado; e 11% dos trabalhadores desligados enquadravam-se na situação de término do contrato de trabalho por tempo determinado.

¹⁴ A CBO 2002 caracteriza-se como uma estrutura hierárquico-piramidal composta de 10 grandes grupos ocupacionais, 47 subgrupos ocupacionais principais, 192 subgrupos ocupacionais, 596 famílias ocupacionais ou grupos de base, onde se agrupam 2.422 ocupações e cerca de 7.258 títulos sinônimos. Os grandes grupos formam o nível mais agregado da classificação e são representados pelo primeiro número dos códigos das

do escopo deste artigo, os autores eximem-se de apresentar aqui as importantes informações levantadas nessa etapa da pesquisa, trabalhosa, mas imprescindível para se adentrar no campo científico que se pretende. Merece ser sublinhado apenas que níveis mais agregados apresentam a vantagem de possuir um número de observações robusto que facilita outros recortes analíticos e permite uma melhor caracterização dos fenômenos; contudo apresentam como ponto negativo a restritividade imposta por não permitirem observar a sua rica heterogeneidade intragrupo. Por outro lado, níveis ocupacionais muito desagregados podem ter, inclusive, seu potencial de explicitar a heterogeneidade dos fenômenos restringido pelo próprio limite estatístico de se trabalhar com um número demasiadamente reduzido de observações para se analisarem movimentos.¹⁵ Assim, o nível de desagregação eleito foi o denominado subgrupo ocupacional, que compreende 192 nucleações de tipos de ocupações similares, ou seja, um nível, de certa forma, intermediário entre os existentes. Doravante, quando se mencionar simplesmente ocupação, leia-se nucleações de ocupações que constituem os subgrupos ocupacionais da CBO 2002.

2.2 Técnicas de tratamento dos dados

Em primeiro lugar, merecem destaque algumas definições tomadas quanto à sua unidade de análise, qual seja, o painel de trabalhadores desligados em 2003. Introdutoriamente, cabe referir que trabalhadores desligados, com idade entre 10 e 17 anos, foram excluídos do estudo,

ocupações. Os subgrupos principais, representados pelos dois primeiros números dos códigos das ocupações, caracterizam-se pela maior restrição, quando comparados ao agrupamento anterior. Os subgrupos, conjuntos utilizados neste estudo, reúnem ocupações que, segundo a CBO, se aproximam quanto à natureza do trabalho e aos níveis de qualificação exigidos. Eles são representados pelos três primeiros números dos códigos das ocupações. As famílias ocupacionais consistem na unidade de classificação descritiva mais desagregada, representadas pelos quatro primeiros números dos códigos das ocupações. Cada família constitui um conjunto de ocupações similares correspondente a um domínio de trabalho mais amplo que aquele da ocupação. As ocupações são as agregações de empregos ou situações de trabalho similares quanto às atividades realizadas. São representadas por um código composto por seis números (Brasil, 2002).

¹⁵ Essa limitação decorre de que uma base de comparação com reduzidas observações exacerba ou sobre-estima movimentos relativos de variações em suas unidades, sobretudo se forem discretas.

uma vez que constituíam uma população absolutamente residual (cerca de 1% do total) e que, muito provavelmente, apresentavam uma inserção profissional excessivamente instável, que poderia contaminar os resultados gerais alcançados. Contudo o procedimento mais relevante foi a decomposição do painel de trabalhadores desligados em 2003 em dois grandes grupos, a partir do critério de faixa etária: jovens (18 a 24 anos) e adultos (25 anos e mais). Esse procedimento se justifica, pois estudos pretéritos indicam com muita propriedade que os jovens possuem um difícil período de transição entre sua trajetória escolar e o início de sua vida laboral, que se expressa em uma inserção profissional inicialmente mais instável por natureza (Bastos; Matos, 2008). Nesse sentido, os resultados para a população como um todo poderiam estar refletindo — ou sendo distorcidos pelos resultados do segmento jovem — um efeito indesejável de composição do painel. Assim, todos os procedimentos de tratamento de dados doravante detalhados foram operacionalizados independentemente para ambas as populações, de modo que a apresentação dos resultados, na seção seguinte, reflete tal segmentação¹⁶.

Os procedimentos de tratamento dos dados foram divididos em dois grandes momentos, independentes, mas complementares aos objetivos do estudo. Na verdade, tal objetivo teria sido alcançado apenas com os resultados do primeiro momento, mas a potencialidade da exploração de aspectos qualitativos incitou a melhor caracterização do fenômeno em um segundo momento adicionalmente empreendido.

No primeiro momento, procurou-se extrair um *ranking* de ocupações a partir da proporção de trabalhadores que retornaram para a mesma ocupação. Investigou-se, pois, a transferência de trabalhadores entre ocupações desde seu desligamento. Os menores retornos para a mesma ocupação indicariam a população-alvo do estudo de caso do projeto de pesquisa para o qual esta análise visa a contribuir. Já no segundo momento, buscou-se qualificar a mobilidade ocupacional para um grupo selecionado de ocupações que registraram a mais alta transferência no referido *ranking*. Essa qualificação da mobilidade ocupacional se processa ao se contrapor o índice de qualidade da ocupação (combinação de índices de rendimentos, de tempo de emprego e de escolaridade) na origem e no destino e, nesse caso, ponderado pela sua distribuição. Os parágrafos seguintes propiciam melhor entendimento do que foi aqui sumariamente introduzido.

¹⁶ A segmentação etária utilizada foi também condicionada pelas faixas etárias disponibilizadas pela base RAISMIGRA.

No primeiro momento, foi necessário processar o painel original de dados de origem dos desligados em 2003 (pelos 192 subgrupos ocupacionais), cruzado com o retorno ao mercado de trabalho em cada um dos três anos subsequentes, para captar o destino ocupacional de sua reinserção. Note-se que somente assim, processando ano a ano o retorno dos trabalhadores desligados em 2003, ficou garantido, pela forma de processamento dos dados da RAISMIGRA, estar-se trabalhando apenas com a primeira reinserção do trabalhador desligado. Contudo tal procedimento exigiu que se utilizassem matrizes anuais, que necessitaram ser, ao cabo, consolidadas para o período 2004-06 como um todo.

Desse modo, chegou-se a uma matriz onde os vetores-linha informam a origem ocupacional dos trabalhadores desligados em 2003, e os vetores-coluna, o destino ocupacional desses trabalhadores, em 2004-06, entre os que se reinseriram no mercado de trabalho formal. Logo, a diagonal principal dessa matriz trouxe a informação do número de trabalhadores desligados, em cada ocupação, que retornaram exatamente para a mesma.

Nesse ponto, foi dado um corte para potencializar a amostra. Nesse corte, foram excluídas todas as ocupações que apresentaram menos de 10 desligamentos em 2003 e aquelas classificadas como "ignoradas". Para os jovens, esse procedimento excluiu 54 ocupações, de modo que resultaram 131 e, para os adultos, excluiu apenas 23 ocupações, de modo que resultaram 162.¹⁷ A opção pelo corte nos desligamentos justifica-se por serem as trajetórias desses trabalhadores o objeto desta pesquisa.

Retomando o raciocínio anterior à explicação do corte, calculou-se, então, a razão entre o número de trabalhadores que retornaram para a mesma ocupação (diagonal principal) e o total que logrou retornar para o mercado de trabalho formal. Essas razões foram ordenadas de modo a explicitar, em suas primeiras linhas,

as ocupações com menores razões, ou com maior transferência para outras ocupações. Em outras palavras, foram destacadas aquelas ocupações em que os seus trabalhadores, uma vez desligados, estariam mais sujeitos a não retornar para a ocupação em que estavam empregados em 2003.

A partir desse *ranking*, desenvolveu-se uma proposta de tipologia de ocupações de acordo com três graus de transferência ocupacional: alta, média e baixa. Para tanto, valeu-se da divisão da maior razão entre os que retornaram para a mesma ocupação frente aos que voltaram para o mercado de trabalho (77,46% para os jovens e 78,33% para os adultos) por três (graus).

Partindo do princípio de que os trabalhadores que retornaram para a mesma ocupação não experimentaram qualquer transferência ocupacional, a julgar por esse conceito, essas seriam ocupações nas quais, *a priori*, verifica-se o que se denomina imobilidade ocupacional.¹⁸ Nesse sentido, aquelas ocupações que registraram menor retorno seriam as passíveis de terem observado alguma mobilidade ocupacional, que pode ser ainda qualificada como ascendente ou descendente. Esse é, pois, o desafio adicional que essa segunda fase do estudo aceitou, qual seja, o de qualificar a mobilidade ocupacional ocorrida entre as ocupações com maior grau de transferência.

Para tanto, foi necessário desenvolver um método quantitativo para proceder à avaliação qualitativa das ocupações de origem e de destino. Tal empreendimento nunca é pequeno, uma vez que traz consigo os clássicos problemas de ponderação quantitativa de fenômenos qualitativos, que necessitam ser, muitas vezes, arbitrados. Para essa qualificação, valeu-se dos níveis de rendimentos, da escolaridade e do tempo de emprego de cada ocupação, em 2003. A escolha desses três critérios para a qualificação das ocupações pautou-se tanto na disponibilidade de variáveis na base RAISMIGRA quanto nos quesitos usualmente empregados em estudos de mobilidade ocupacional.

O índice global da qualidade de cada ocupação foi construído a partir da média simples dos índices dos três quesitos supracitados. Cabe destacar que esses índices

¹⁷ Nesse ponto, testaram-se algumas técnicas de agregação de ocupações que individualmente não alcançaram uma amostra mínima do corte (10 demitidos em 2003) — com destaque para aquela que adotava como critério a complexidade do grande grupo ocupacional —; contudo os resultados não foram satisfatórios. Ademais, ainda que, para os jovens, o número de ocupações excluídas possa parecer elevado, em termos do contingente total de demitidos em 2003, tais exclusões representam apenas 0,27% do universo. Cabe ainda salientar que a soma das ocupações, excluídas aquelas que restaram, não resulta nas 192 ocupações. Isso se explica pelo fato de se considerarem apenas as ocupações que registraram trabalhadores desligados em 2003.

¹⁸ Essa elucidação é importante, na medida em que outros estudos consideram que a imobilidade ocupacional se verifica entre aqueles que se mantiveram exatamente na mesma ocupação e no mesmo vínculo, ou seja, onde não ocorreu movimentação entre condições de ocupação e de desocupação. Como este estudo difere substancialmente dos outros desenvolvidos, uma vez que parte exatamente de uma situação de ruptura na condição ocupacional (desligamento) para investigar a mobilidade, não faria sentido considerar a permanência no vínculo como imobilidade.

foram desenvolvidos de forma independente para os dois segmentos analisados: jovens e adultos. Já a sua elaboração merece mais atenção. Uma vez analisadas as características das distribuições de rendimentos, da escolaridade e do tempo de emprego segundo as ocupações, optou-se pela construção de índices normalizados, que considerassem a média e o desvio-padrão da distribuição. Com esse procedimento, logrou-se que a média do índice construído para cada variável se aproximasse de 0,50, situação estatisticamente ideal. Para rendimentos e tempo de emprego, o processo foi mais simples, uma vez que se consideraram diretamente as distribuições do rendimento médio nominal mensal (em reais) e do número médio de meses empregado, respectivamente, de cada ocupação. Mas, para a escolaridade, a limitação da RAISMIGRA em disponibilizar apenas o número de trabalhadores de cada ocupação por faixa de escolaridade exigiu a tarefa de atribuir um valor médio de anos de escolaridade para cada uma das nove faixas abertas pela base de dados.¹⁹ Com esses valores, foi possível construir uma média ponderada de anos de escolaridade para cada ocupação — ponderada, porque foi considerada a distribuição dos trabalhadores em cada ocupação segundo suas faixas de escolaridade. Com isso, essa nova distribuição foi utilizada para a elaboração do índice de escolaridade pelo mesmo método de normalização do índice empregado nas outras duas variáveis.

Com esses índices globais da qualidade de cada ocupação, voltou-se para a população-objeto nesse segundo momento da pesquisa. Comparou-se, então, o índice da ocupação de origem (linha) com o índice ponderado pela distribuição das ocupações de destino (colunas) do painel. Esse procedimento permitiu verificar-se o que ocorreu com os demitidos de cada ocupação entre aquelas com alto grau de transferência. Aqui, mais especificamente, buscou-se verificar se a mobilidade ocupacional ocorrida nesse curto intervalo de tempo, na RMPA, nessas ocupações, foi ascendente ou descendente.

3 Verificando a transferência ocupacional

Como explicitado anteriormente, o resultado do primeiro procedimento adotado com a base de dados foi a categorização da transferência ocupacional em alta (ocupações com menor proporção de retorno para a ocupação exercida em 2003), média (ocupações que apresentaram uma proporção média de retorno) e baixa (ocupações que apresentaram maior proporção de retorno).

Entre os trabalhadores jovens (de 18 a 24 anos), observou-se a predominância das ocupações com alta transferência ocupacional. Das 131 ocupações analisadas, 93 registraram proporção de retorno que permitiu classificá-las no grupo de alta transferência ocupacional, 32 foram enquadradas na média transferência, e apenas seis experimentaram baixa transferência ocupacional (Tabela 1).

Esse expressivo número de ocupações classificadas como de alta transferência entre os jovens trabalhadores pode estar associado à inserção específica desse segmento no mercado de trabalho. Essa transferência pode estar apontando as dificuldades — sublinhadas igualmente em outros estudos da área — que os jovens enfrentam na transição da vida escolar para a profissional. Concomitantemente, o jovem trabalhador pode apresentar uma maior transferência ocupacional também em função da prospecção de afinidades e oportunidades na construção de uma carreira profissional.

De modo semelhante, entre os trabalhadores adultos (25 anos ou mais), prevaleceram as ocupações com alta transferência ocupacional; porém, nesse segmento, verificou-se uma maior proximidade entre o número de ocupações classificadas como de alta e de média transferência. Das 162 ocupações analisadas, 77 registraram retorno passível com sua reunião no grupo de alta transferência ocupacional; 63 foram compreendidas na média transferência; e 22 apresentaram baixa transferência ocupacional (Tabela 2).

Notadamente, a população adulta revela uma distribuição de ocupações entre as três categorias muito mais normalizada, quando comparada à dos jovens trabalhadores. Desse modo, os resultados do exercício quanto à transferência ocupacional corroboram, ao cabo, a hipótese de que a população jovem observa uma inserção no mercado de trabalho mais instável.

¹⁹ Analfabetos, zero anos; 4ª série incompleta, dois anos; 4ª série completa, quatro anos; 8ª série incompleta, seis anos; 8ª série completa, oito anos; 2º grau incompleto, nove anos; 2º grau completo, 11 anos; superior incompleto, 13 anos; e superior completo, 15 anos.

Tabela 1

Percentual de retorno para a mesma ocupação nos subgrupos ocupacionais, segundo os graus de transferência ocupacional entre os jovens trabalhadores, na RMPA — 2004-06

GRAUS DE TRANSFERÊNCIA E SUBGRUPOS OCUPACIONAIS CBO 2002	PERCENTUAL DE RETORNO PARA MESMA OCUPAÇÃO
Alta	
131 - Diretores e gerentes em empresa de serviços de saúde, de educação,... ..	0,00
239 - Outros professores de ensino não classificados anteriormente	0,00
300 - Técnicos mecatrônicos e eletromecânicos	0,00
352 - Técnicos de inspeção, fiscalização e coordenação administrativa	0,00
375 - Decoradores e vitrinistas	0,00
395 - Técnicos de apoio em pesquisa e desenvolvimento	0,00
423 - Despachantes	0,00
820 - Supervisores de produção em indústrias siderúrgicas	0,00
832 - Trabalhadores da fabricação de papel	0,00
840 - Supervisores da fabricação de alimentos, bebidas e fumo	0,00
810 - Supervisores de produção, em indústrias químicas, petroquímicas e a... ..	1,32
641 - Trabalhadores da mecanização agropecuária	1,59
823 - Trab. de instalações e equipamentos de material de construção, cerâ... ..	1,85
710 - Supervisores da extração mineral e da construção civil	3,23
420 - Supervisores de atendimento ao público	3,28
772 - Trabalhadores da preparação da madeira	3,70
833 - Confeccionadores de produtos de papel e papelão	3,77
373 - Técnicos em operação de emissoras de rádio, sistemas de televisão e... ..	3,85
374 - Técnicos em operação de aparelhos de sonorização, cenografia e proj... ..	3,85
720 - Supervisores da transformação de metais e de compósitos	5,56
512 - Trabalhadores dos serviços domésticos em geral	5,68
332 - Professores leigos no ensino fundamental e no profissionalizante	5,88
233 - Professores e instrutores do ensino profissional	6,45
510 - Supervisores dos serviços	6,98
841 - Operadores de equipamentos na preparação de alimentos e bebidas	7,03
141 - Gerentes de produção e operações	7,07
342 - Técnicos em transportes (logística)	7,14
121 - Diretores gerais	7,69
752 - Vidreiros, ceramistas e afins	7,84
511 - Trabalhadores dos serviços de transporte e turismo	8,21
818 - Operadores de operação unitária de laboratório (transversal para to... ..	8,33
862 - Operadores de utilidades	8,40
412 - Secretários de expediente e operadores de máquinas de escritórios	8,54
314 - Técnicos em metalmecânica	8,60
520 - Supervisores de vendas e de prestação de serviços	8,70
910 - Supervisores em serviços de reparação e manutenção mecânica	8,70
991 - Outros trabalhadores da conservação e manutenção (exceto trabalhado... ..	8,78
311 - Técnico em ciências físicas e químicas	8,98
214 - Engenheiros, arquitetos e afins	9,09
711 - Trabalhadores da extração mineral	9,09
524 - Vendedores a domicílio, ambulantes e em bancas	9,34
760 - Supervisores nas indústrias têxtil, do curtimento, do vestuário e d... ..	9,52
334 - Inspetores de alunos e afins	10,00
252 - Profissionais de organização e administração de empresas e afins	10,43
622 - Trabalhadores agrícolas	10,81
251 - Cientistas sociais, psicólogos e afins	11,11
992 - Trabalhadores elementares da manutenção	11,29
142 - Gerentes de áreas de apoio	12,22
775 - Trabalhadores em acabamento de madeira e de mobiliário	12,50
351 - Técnicos das ciências administrativas	12,57

(continua)

Tabela 1

Percentual de retorno para a mesma ocupação nos subgrupos ocupacionais, segundo os graus de transferência ocupacional entre os jovens trabalhadores, na RMPA — 2004-06

GRAUS DE TRANSFERÊNCIA E SUBGRUPOS OCUPACIONAIS CBO 2002	PERCENTUAL DE RETORNO PARA MESMA OCUPAÇÃO
Alta	
813 - Operadores de outras instalações químicas, petroquímicas e afins	12,90
516 - Trabalhadores nos serviços de embelezamento e cuidados pessoais	13,07
354 - Técnicos de nível médio em operações comerciais	13,55
761 - Trabalhadores das indústrias têxteis	14,14
765 - Trabalhadores da confecção de artefatos de tecidos e couros	14,34
410 - Supervisores de serviços administrativos (exceto de atendimento ao... ..)	14,36
414 - Escriturários de controle de materiais e de apoio à produção	14,72
773 - Trabalhadores da transformação da madeira e da fabricação do mobiliário ..	14,74
371 - Técnicos de serviços culturais	14,93
783 - Trabalhadores de manobras sobre trilhos e movimentação e cargas	14,99
725 - Montadores de máquinas e aparelhos mecânicos	15,59
784 - Embaladores e alimentadores de produção	15,77
953 - Eletricistas eletrônicos de manutenção veicular	15,79
391 - Técnicos de nível médio em operações industriais	16,36
413 - Escriturários contábeis e de finanças	16,45
741 - Montadores e ajustadores de instrumentos de precisão	16,67
811 - Operadores de instalações em indústrias químicas, petroquímicas e a... ..	16,83
732 - Instaladores e reparadores de linhas e cabos elétricos e de comunic... ..	17,07
232 - Professores do ensino médio	17,65
253 - Profissionais de relações públicas, publicidade, <i>marketing</i> e comerc... ..	17,74
301 - Técnicos em laboratório	18,75
623 - Trabalhadores na pecuária	18,75
768 - Trab. artesanais das atividades têxteis, do vestuário e das artes g... ..	18,88
723 - Trab. de tratamento térmico e de superfícies de metais e de compósitos	18,95
519 - Outros trabalhadores de serviços diversos	19,01
514 - Trab. nos serviços de administração, conservação e manutenção de ed... ..	19,30
911 - Mecânicos de manutenção de máquinas e equipamentos industriais, com... ..	19,94
231 - Professores de nível superior na educação infantil e no ensino fund... ..	20,31
919 - Outros trabalhadores na reparação e manutenção de equipamentos	20,41
321 - Técnicos da produção agropecuária	21,21
212 - Profissionais da informática	21,28
731 - Montadores e instaladores de equipamentos eletroeletrônicos em geral	22,14
224 - Profissionais da educação física	22,22
262 - Profissionais de espetáculos e das artes	22,22
325 - Técnicos de bioquímica e da biotecnologia	22,22
415 - Auxiliares de serviços de biblioteca, documentação e correios	22,22
515 - Trabalhadores dos serviços de saúde	22,22
954 - Mantenedores eletromecânicos	22,22
261 - Profissionais da comunicação e da informação	22,69
763 - Trabalhadores da confecção de roupas	23,23
848 - Trab. artesanais na agroindústria, na indústria de alimentos e do	23,50
766 - Trabalhadores da produção gráfica	23,76
621 - Trabalhadores na exploração agropecuária em geral	25,00
Média	
421 - Caixas, bilheteiros e afins	26,23
771 - Marceneiros e afins	26,55
722 - Trabalhadores de conformação de metais e de compósitos	26,79
422 - Trabalhadores de informações ao público	27,34
312 - Técnicos em construção civil, de edificações e obras de infraestrutura	28,13
313 - Técnicos em eletroeletrônica e fotônica	28,30
523 - Instaladores de produtos e acessórios	29,17

(continua)

Tabela 1

Percentual de retorno para a mesma ocupação nos subgrupos ocupacionais, segundo os graus de transferência ocupacional entre os jovens trabalhadores, na RMPA — 2004-06

GRAUS DE TRANSFERÊNCIA E SUBGRUPOS OCUPACIONAIS CBO 2002	PERCENTUAL DE RETORNO PARA MESMA OCUPAÇÃO
Média	
712 - Trabalhadores de beneficiamento de minérios e pedras ornamentais	29,41
717 - Ajudantes de obras	29,83
716 - Trabalhadores de acabamento de obras	30,91
331 - Professores de nível médio na educação infantil, no ensino fundamen... ..	30,92
828 - Trabalhadores artesanais da siderurgia e de materiais de construção	31,25
411 - Escriturários em geral, agentes, assistentes e auxiliares administr... ..	31,69
724 - Trab. de montagem de tubulações, estruturas metálicas e de compósitos	32,18
774 - Trabalhadores de montagem de móveis e artefatos de madeira	32,56
821 - Operadores de instalações e equipamentos de produção de metais e ligas (1ª fusão)	32,97
715 - Trabalhadores da construção civil e obras públicas	33,22
513 - Trabalhadores dos serviços de hotelaria e alimentação	33,24
234 - Professores do ensino superior	33,33
317 - Técnicos em informática	33,33
517 - Trabalhadores nos serviços de proteção e segurança	33,90
521 - Vendedores e demonstradores	35,47
914 - Mecânicos de manutenção veicular	37,65
632 - Extrativistas florestais	38,03
951 - Eletricistas eletrônicos de manutenção industrial, comercial e resi... ..	39,05
333 - Instrutores e professores de escolas livres	39,19
111 - Membros superiores do Poder Legislativo, Executivo e Judiciário	42,86
762 - Trabalhadores do tratamento de couros e peles	43,48
721 - Trabalhadores de usinagem de metais e de compósitos	43,86
318 - Desenhistas técnicos e modelistas	46,43
782 - Condutores de veículos e operadores de equipamentos de elevação e d... ..	49,79
822 - Operadores de instalações e equipamentos de produção de metais e ligas (2ª fusão)	50,00
Baixa	
764 - Trabalhadores da confecção de calçados	58,59
223 - Profissionais da medicina, saúde e afins	62,96
842 - Operadores na preparação de fumo e na fabricação de charutos e ciga... ..	65,52
831 - Trabalhadores da preparação de pasta de papel	66,67
322 - Técnicos da ciência da saúde humana	69,14
377 - Atletas, desportistas e afins	77,46

FONTE: RAISMIGRA. Ministério do Trabalho e Emprego.

Tabela 2

Percentual de retorno para a mesma ocupação nos subgrupos ocupacionais, segundo os graus de transferência ocupacional entre trabalhadores adultos, na RMPA — 2004-06

GRAUS DE TRANSFERÊNCIA E SUBGRUPOS OCUPACIONAIS CBO 2002	PERCENTUAL DE RETORNO PARA A MESMA OCUPAÇÃO
Alta	
242 - Advogados do poder judiciário e da segurança pública	0,00
395 - Técnicos de apoio em pesquisa e desenvolvimento	0,00
861 - Operadores na geração e distribuição de energia (centrais hidrelétr... ..	0,00
915 - Reparadores de instrumentos e equipamentos de precisão	0,00
300 - Técnicos mecatrônicos e eletromecânicos	3,57
122 - Diretores de produção e operações	5,00
423 - Despachantes	5,08
833 - Confeccionadores de produtos de papel e papelão	5,31
131 - Diretores e gerentes em empresa de serviços de saúde, de educação,... ..	5,66
352 - Técnicos de inspeção, fiscalização e coordenação administrativa	5,66
832 - Trabalhadores da fabricação de papel	6,25
511 - Trabalhadores dos serviços de transporte e turismo	7,14
512 - Trabalhadores dos serviços domésticos em geral	7,78
813 - Operadores de outras instalações químicas, petroquímicas e afins	7,83
373 - Técnicos em operação de emissoras de rádio, sistemas de televisão e... ..	9,47
420 - Supervisores de atendimento ao público	9,59
862 - Operadores de utilidades	10,17
810 - Supervisores de produção, em indústrias químicas, petroquímicas e a... ..	10,23
334 - Inspetores de alunos e afins	10,53
780 - Supervisores de trabalhadores de embalagem e etiquetagem	11,11
772 - Trabalhadores da preparação da madeira	11,43
510 - Supervisores dos serviços	11,43
332 - Professores leigos no ensino fundamental e no profissionalizante	11,54
823 - Trab. de instalações e equipamentos de material de construção, cerâ... ..	11,58
121 - Diretores gerais	11,63
374 - Técnicos em operação de aparelhos de sonorização, cenografia e proj... ..	11,70
730 - Supervisores de montagens e instalações eletroeletrônicas	12,12
342 - Técnicos em transportes (logística)	13,16
841 - Operadores de equipamentos na preparação de alimentos e bebidas	13,29
641 - Trabalhadores da mecanização agropecuária	13,51
820 - Supervisores de produção em indústrias siderúrgicas	13,64
991 - Outros trabalhadores da conservação e manutenção (exceto trabalhado... ..	13,78
254 - Auditores fiscais públicos	14,29
620 - Supervisores na exploração agropecuária	14,29
840 - Supervisores da fabricação de alimentos, bebidas e fumo	15,38
412 - Secretários de expediente e operadores de máquinas de escritórios	15,44
954 - Mantenedores eletromecânicos	15,49
232 - Professores do ensino médio	15,88
353 - Técnicos de nível médio em operações financeiras	16,13
520 - Supervisores de vendas e de prestação de serviços	16,46
325 - Técnicos de bioquímica e da biotecnologia	16,67
992 - Trabalhadores elementares da manutenção	17,15
371 - Técnicos de serviços culturais	17,16
768 - Trab. artesanais das atividades têxteis, do vestuário e das artes g... ..	17,24
732 - Instaladores e reparadores de linhas e cabos elétricos e de comunic... ..	17,28
752 - Vidreiros, ceramistas e afins	17,35
424 - Entrevistadores, recenseadores e afins	18,18
524 - Vendedores a domicílio, ambulantes e em bancas	18,60

(continua)

Tabela 2

Percentual de retorno para a mesma ocupação nos subgrupos ocupacionais, segundo os graus de transferência ocupacional entre trabalhadores adultos, na RMPA — 2004-06

GRUPOS DE TRANSFERÊNCIA E SUBGRUPOS OCUPACIONAIS CBO 2002	PERCENTUAL DE RETORNO PARA A MESMA OCUPAÇÃO
Alta	
910 - Supervisores em serviços de reparação e manutenção mecânica	18,92
784 - Embaladores e alimentadores de produção	19,49
765 - Trabalhadores da confecção de artefatos de tecidos e couros	19,92
203 - Pesquisadores	20,00
950 - Supervisores de manutenção eletroeletrônica e eletromecânica	20,00
253 - Profissionais de relações públicas, publicidade, <i>marketing</i> e comerc... ..	20,49
141 - Gerentes de produção e operações	21,08
761 - Trabalhadores das indústrias têxteis	21,77
410 - Supervisores de serviços administrativos (exceto de atendimento ao	21,79
372 - Técnicos em operação de câmara fotográfica, cinema e de televisão	22,22
642 - Trabalhadores da mecanização florestal	22,22
414 - Escriturários de controle de materiais e de apoio à produção	22,43
516 - Trabalhadores nos serviços de embelezamento e cuidados pessoais	22,45
233 - Professores e instrutores do ensino profissional	22,73
725 - Montadores de máquinas e aparelhos mecânicos	22,76
331 - Professores de nível médio na educação infantil, no ensino fundamen... ..	22,94
321 - Técnicos da produção agropecuária	23,58
919 - Outros trabalhadores na reparação e manutenção de equipamentos	23,87
770 - Supervisores em indústria de madeira, mobiliário e da carpintaria v... ..	24,00
354 - Técnicos de nível médio em operações comerciais	24,05
811 - Operadores de instalações em indústrias químicas, petroquímicas e a... ..	24,79
376 - Artistas de artes populares e modelos	25,00
263 - Membros de cultos religiosos e afins	25,00
213 - Físicos, químicos e afins	25,00
391 - Técnicos de nível médio em operações industriais	25,29
783 - Trabalhadores de manobras sobre trilhos e movimentação e cargas	25,34
773 - Trab. da transformação da madeira e da fabricação do mobiliário	25,84
421 - Caixas, bilheteiros e afins	25,84
311 - Técnico em ciências físicas e químicas	26,02
Média	
231 - Professores de nível superior na educação infantil e no ensino fund... ..	26,67
262 - Profissionais de espetáculos e das artes	27,08
711 - Trabalhadores da extração mineral	27,17
314 - Técnicos em metalmecânica	27,54
413 - Escriturários contábeis e de finanças	27,76
830 - Supervisores da fabricação de celulose e papel	27,78
123 - Diretores de áreas de apoio	28,30
312 - Técnicos em construção civil, de edificações e obras de infraestrutura	28,70
622 - Trabalhadores agrícolas	28,84
723 - Trab. de tratamento térmico e de superfícies de metais e de compósitos ...	28,99
239 - Outros professores de ensino não classificados anteriormente	29,13
415 - Auxiliares de serviços de biblioteca, documentação e correios	29,79
818 - Operadores de operação unitária de laboratório (transversal para to... ..	30,00
760 - Supervisores nas indústrias têxtil, do curtimento, do vestuário e d... ..	30,27
252 - Profissionais de organização e administração de empresas e afins	30,34
111 - Membros superiores do Poder Legislativo, Executivo e Judiciário	30,73
301 - Técnicos em laboratório	30,91
519 - Outros trabalhadores de serviços diversos	30,98
623 - Trabalhadores na pecuária	31,43
317 - Técnicos em informática	31,48

(continua)

Tabela 2

Percentual de retorno para a mesma ocupação nos subgrupos ocupacionais, segundo os graus de transferência ocupacional entre trabalhadores adultos, na RMPA — 2004-06

GRAUS DE TRANSFERÊNCIA E SUBGRUPOS OCUPACIONAIS CBO 2002	PERCENTUAL DE RETORNO PARA A MESMA OCUPAÇÃO
Média	
523 - Instaladores de produtos e acessórios	31,71
720 - Supervisores da transformação de metais e de compósitos	31,75
621 - Trabalhadores na exploração agropecuária em geral	31,86
731 - Montadores e instaladores de equipamentos eletroeletrônicos em geral	32,40
821 - Op. de instalações e equip. de produção de metais e ligas (primeira fusão)	32,71
774 - Trabalhadores de montagem de móveis e artefatos de madeira	32,86
333 - Instrutores e professores de escolas livres	33,14
722 - Trabalhadores de conformação de metais e de compósitos	33,15
422 - Trabalhadores de informações ao público	33,20
341 - Técnicos em navegação aérea, marítima e fluvial	33,33
913 - Mecânicos de manutenção de máquinas pesadas e equipamentos agrícolas	33,33
775 - Trabalhadores em acabamento de madeira e de mobiliário	33,33
142 - Gerentes de áreas de apoio	34,39
411 - Escriturários em geral, agentes, assistentes e auxiliares administr... ..	34,62
261 - Profissionais da comunicação e da informação	34,75
351 - Técnicos das ciências administrativas	34,83
953 - Eletricistas eletrônicos de manutenção veicular	35,09
313 - Técnicos em eletroeletrônica e fotônica	35,23
515 - Trabalhadores dos serviços de saúde	36,28
251 - Cientistas sociais, psicólogos e afins	36,52
212 - Profissionais da informática	37,08
951 - Eletricistas eletrônicos de manutenção industrial, comercial e resi... ..	39,02
221 - Biólogos e afins	40,00
612 - Produtores agrícolas	40,00
319 - Outros técnicos de nível médio das ciências físicas, químicas, enge... ..	40,00
514 - Trab. nos serviços de administração, conservação e manutenção de ed... ..	40,10
717 - Ajudantes de obras	40,63
911 - Mecânicos de manutenção de máquinas e equipamentos industriais, com... ..	40,78
828 - Trabalhadores artesanais da siderurgia e de materiais de construção	40,91
766 - Trabalhadores da produção gráfica	40,99
712 - Trabalhadores de beneficiamento de minérios e pedras ornamentais	42,03
741 - Montadores e ajustadores de instrumentos de precisão	42,11
822 - Op. de instalações e equip. de produção de metais e ligas (2ª fusão)	42,86
860 - Supervisores da produção de utilidades	43,75
241 - Advogados, procuradores, tabeliões e afins	43,75
224 - Profissionais da educação física	44,44
521 - Vendedores e demonstradores	45,59
848 - Trab. artesanais na agroindústria, na indústria de alimentos e do	46,92
324 - Técnicos em operação de equipamentos e instrumentos de diagnóstico	47,22
318 - Desenhistas técnicos e modelistas	48,34
710 - Supervisores da extração mineral e da construção civil	50,14
914 - Mecânicos de manutenção veicular	50,41
771 - Marceneiros e afins	50,93
Baixa	
513 - Trabalhadores dos serviços de hotelaria e alimentação	52,79
114 - Dirigentes e administradores de organização de interesse público	52,94

(continua)

Tabela 2

Percentual de retorno para a mesma ocupação nos subgrupos ocupacionais, segundo os graus de transferência ocupacional entre trabalhadores adultos, na RMPA — 2004-06

GRUPOS DE TRANSFERÊNCIA E SUBGRUPOS OCUPACIONAIS CBO 2002	PERCENTUAL DE RETORNO PARA A MESMA OCUPAÇÃO
Baixa	
721 - Trabalhadores de usinagem de metais e de compósitos	54,05
517 - Trabalhadores nos serviços de proteção e segurança	54,29
716 - Trabalhadores de acabamento de obras	54,48
214 - Engenheiros, arquitetos e afins	57,38
632 - Extrativistas florestais	57,92
763 - Trabalhadores da confecção de roupas	58,70
215 - Profissionais em navegação aérea, marítima e fluvial	60,00
762 - Trabalhadores do tratamento de couros e peles	60,09
724 - Trab. de montagem de tubulações, estruturas metálicas e de compósitos	61,36
842 - Operadores na preparação de fumo e na fabricação de charutos e ciga... ..	62,50
234 - Professores do ensino superior	65,64
715 - Trabalhadores da construção civil e obras públicas	67,11
322 - Técnicos da ciência da saúde humana	70,56
764 - Trabalhadores da confecção de calçados	70,75
782 - Condutores de veículos e operadores de equipamentos de elevação e d... ..	71,38
751 - Joalheiros e ourives	71,43
223 - Profissionais da medicina, saúde e afins	72,86
377 - Atletas, desportistas e afins	76,74
222 - Agrônomos e afins	78,26
831 - Trabalhadores da preparação de pasta de papel	78,33

FONTE: RAISMIGRA. Ministério do Trabalho e Emprego.

4 Qualificando a mobilidade ocupacional da alta transferência

Uma vez identificadas as ocupações com maior transferência, passou-se ao desafio de qualificar a sua mobilidade em ascendente ou descendente, como supramencionado. Passa-se, de imediato, à análise dos índices globais de origem e dos índices globais de destino ponderados pela participação nas diferentes ocupações, contudo não sem antes tecer apenas um rápido comentário sobre os resultados alcançados para os três índices que compõem o global.

Observou-se, para os adultos ocupados, índices de rendimentos e de tempo de emprego superiores aos índices congêneres dos jovens trabalhadores. De outro modo, o índice de escolaridade entre os adultos apresentou mais ocupações na situação de baixa escolaridade. *Grosso modo*, essas evidências poderiam sugerir a hipótese de que, dentre esses três fatores considerados, o tempo de emprego possa estar mais

fortemente associado aos rendimentos que à escolaridade — contudo, isso mereceria um estudo mais específico.

Como demonstra a Tabela 3, entre as 93 ocupações de alta transferência dos jovens trabalhadores, evidenciou-se mobilidade descendente em 58; em apenas 35 foi identificada a mobilidade ascendente. Essa supremacia da movimentação dos desligados em direção à reinserção em ocupações de menor índice também é atestada pela movimentação média negativa para o conjunto das ocupações em análise.

Examinando a dispersão dos índices máximos e mínimos entre as ocupações de origem e entre as de destino dos jovens trabalhadores, verificou-se a redução nessa medida (Gráfico 1). Esse comportamento pode estar sinalizando uma propensão a que os desligados de ocupações de maior qualidade sejam readmitidos naquelas com menor índice e, no sentido inverso, a que os desligados de ocupações com menor qualidade, em sua maioria, estejam retornando para ocupações com maiores índices.

Essa instigante conclusão foi obtida a partir da verificação da frequência de ascendência ou descendência

no *ranking* de ocupações com maiores índices de origem, tal como apresenta a Tabela 3. Verifica-se que, entre as primeiras ocupações do *ranking* (com maiores índices de origem), a moda das frequências foi a mobilidade descendente; já entre as últimas ocupações, a moda foi ascendente.

A Tabela 4 evidencia, para os ocupados adultos, praticamente todas as mesmas conclusões extraídas para os jovens trabalhadores. Dentre as 77 ocupações de alta transferência, em 53 observou-se mobilidade descendente, uma proporção ligeiramente maior que a registrada para a população jovem, tornando ainda mais consistente o resultado, já que se está aqui tratando de um segmento com maior estabilidade. A média dos movimentos para o conjunto de ocupações em análise foi, igualmente, negativa, contribuindo para a confiança quanto aos resultados.

Da mesma forma que entre os jovens trabalhadores, entre a população adulta, verificou-se um arrefecimento na dispersão dos valores máximos e mínimos dos índices entre as ocupações de origem e destino (Gráfico 1). Além disso, para os desligados em ocupações de maiores índices, a mobilidade descendente predominou (Tabela 4). Já para os desligados em ocupações menos qualificadas, a mobilidade ascendente foi a moda, mas o limite mínimo da dispersão logrou avançar menos que o ocorrido para a população jovem.

Assim, esses resultados indicam, por um lado, que a população adulta possui índices globais mais elevados que os jovens trabalhadores, sinalizando ocupações de melhor qualidade. Por outro lado, os adultos, frente à população jovem, também apresentam maiores dificuldades para ascender ocupacionalmente em sua reinserção, a julgar, principalmente, pela menor redução da dispersão entre os índices mínimos.

Concluindo, cabe explicitarem-se duas hipóteses para a explicação da mobilidade descendente e da redução da dispersão dos índices, identificadas nas duas populações. Primeiramente, o predomínio da mobilidade descendente pode estar associado ao fato de se buscar qualificar, nesse exercício, apenas as ocupações de alta transferência, nas quais há maior probabilidade de se encontrarem justamente os trabalhadores com menor qualificação ou aqueles cuja preservação da qualificação é colocada em risco pela transferência. A segunda, quanto à redução na dispersão dos índices, remete à constatação de um efeito estatístico normal e de mais difícil superação, qual seja, de que a probabilidade de queda para um índice elevado é maior do que sua possibilidade de alta; e o inverso para índices baixos. Contudo a conjuntura econômica de recuperação do

crescimento, que propiciou a redução das taxas de desemprego no período, deve ter atuado no sentido de atenuar tais efeitos, tornando ainda mais contundentes os resultados desse segundo momento do estudo.

Tabela 3

Índice global, índice de destino e mobilidade, segundo os subgrupos ocupacionais de alta transferência entre jovens trabalhadores, na RMPA — 2004-06

SUBGRUPOS OCUPACIONAIS CBO 2002	ÍNDICE GLOBAL (1)	ÍNDICE DESTINO (2)	MOBILIDADE
212 - Profissionais da informática	0,8158	0,6288	Descendente
231 - Professores de nível superior na educação infantil e no ensino fund.	0,7608	0,5729	Descendente
214 - Engenheiros, arquitetos e afins	0,7528	0,4970	Descendente
251 - Cientistas sociais, psicólogos e afins	0,7310	0,5977	Descendente
252 - Profissionais de organização e administração de empresas e afins	0,6910	0,5190	Descendente
420 - Supervisores de atendimento ao público	0,6829	0,4946	Descendente
121 - Diretores gerais	0,6766	0,4669	Descendente
253 - Profissionais de relações públicas, publicidade, <i>marketing</i> e comerc.	0,6736	0,5104	Descendente
410 - Supervisores de serviços administrativos (exceto de atendimento ao... ..	0,6711	0,4860	Descendente
142 - Gerentes de áreas de apoio	0,6486	0,4646	Descendente
232 - Professores do ensino médio	0,6375	0,6104	Descendente
334 - Inspetores de alunos e afins	0,6295	0,5185	Descendente
239 - Outros professores de ensino não classificados anteriormente	0,6151	0,4716	Descendente
391 - Técnicos de nível médio em operações industriais	0,6111	0,4630	Descendente
301 - Técnicos em laboratório	0,5898	0,4554	Descendente
352 - Técnicos de inspeção, fiscalização e coordenação administrativa	0,5822	0,5076	Descendente
741 - Montadores e ajustadores de instrumentos de precisão	0,5766	0,4527	Descendente
351 - Técnicos das ciências administrativas	0,5760	0,4833	Descendente
314 - Técnicos em metalmecânica	0,5641	0,4527	Descendente
321 - Técnicos da produção agropecuária	0,5592	0,4271	Descendente
760 - Supervisores nas indústrias têxtil, do curtimento, do vestuário e d	0,5569	0,3852	Descendente
262 - Profissionais de espetáculos e das artes	0,5561	0,5027	Descendente
413 - Escriturários contábeis e de finanças	0,5518	0,4598	Descendente
720 - Supervisores da transformação de metais e de compósitos	0,5496	0,3904	Descendente
520 - Supervisores de vendas e de prestação de serviços	0,5458	0,4242	Descendente
233 - Professores e instrutores do ensino profissional	0,5449	0,5235	Descendente
325 - Técnicos de bioquímica e da biotecnologia	0,5422	0,4741	Descendente
131 - Diretores e gerentes em empresa de serviços de saúde, de educação,... ..	0,5348	0,5941	Ascendente
261 - Profissionais da comunicação e da informação	0,5230	0,4476	Descendente
954 - Mantenedores eletromecânicos	0,5208	0,4365	Descendente
910 - Supervisores em serviços de reparação e manutenção mecânica	0,5198	0,4239	Descendente
371 - Técnicos de serviços culturais	0,5052	0,4908	Descendente
342 - Técnicos em transportes (logística)	0,4881	0,4337	Descendente
511 - Trabalhadores dos serviços de transporte e turismo	0,4877	0,3646	Descendente
725 - Montadores de máquinas e aparelhos mecânicos	0,4801	0,4143	Descendente
423 - Despachantes	0,4778	0,4241	Descendente
911 - Mecânicos de manutenção de máquinas e equipamentos industriais, com	0,4732	0,4350	Descendente
953 - Eletricistas eletrônicos de manutenção veicular	0,4695	0,4081	Descendente
732 - Instaladores e reparadores de linhas e cabos elétricos e de comunic.	0,4669	0,3980	Descendente
224 - Profissionais da educação física	0,4632	0,4812	Ascendente
373 - Técnicos em operação de emissoras de rádio, sistemas de televisão e...	0,4606	0,3630	Descendente
141 - Gerentes de produção e operações	0,4510	0,3919	Descendente
515 - Trabalhadores dos serviços de saúde	0,4490	0,4285	Descendente
415 - Auxiliares de serviços de biblioteca, documentação e correios	0,4465	0,4709	Ascendente
766 - Trabalhadores da produção gráfica	0,4435	0,3941	Descendente
818 - Operadores de operação unitária de laboratório (transversal para to	0,4402	0,3868	Descendente
354 - Técnicos de nível médio em operações comerciais	0,4387	0,4080	Descendente
832 - Trabalhadores da fabricação de papel	0,4385	0,3066	Descendente
375 - Decoradores e vitrinistas	0,4378	0,4860	Ascendente
752 - Vidreiros, ceramistas e afins	0,4322	0,3502	Descendente

(continua)

Tabela 3

Índice global, índice de destino e mobilidade, segundo os subgrupos ocupacionais de alta transferência entre jovens trabalhadores, na RMPA — 2004-06

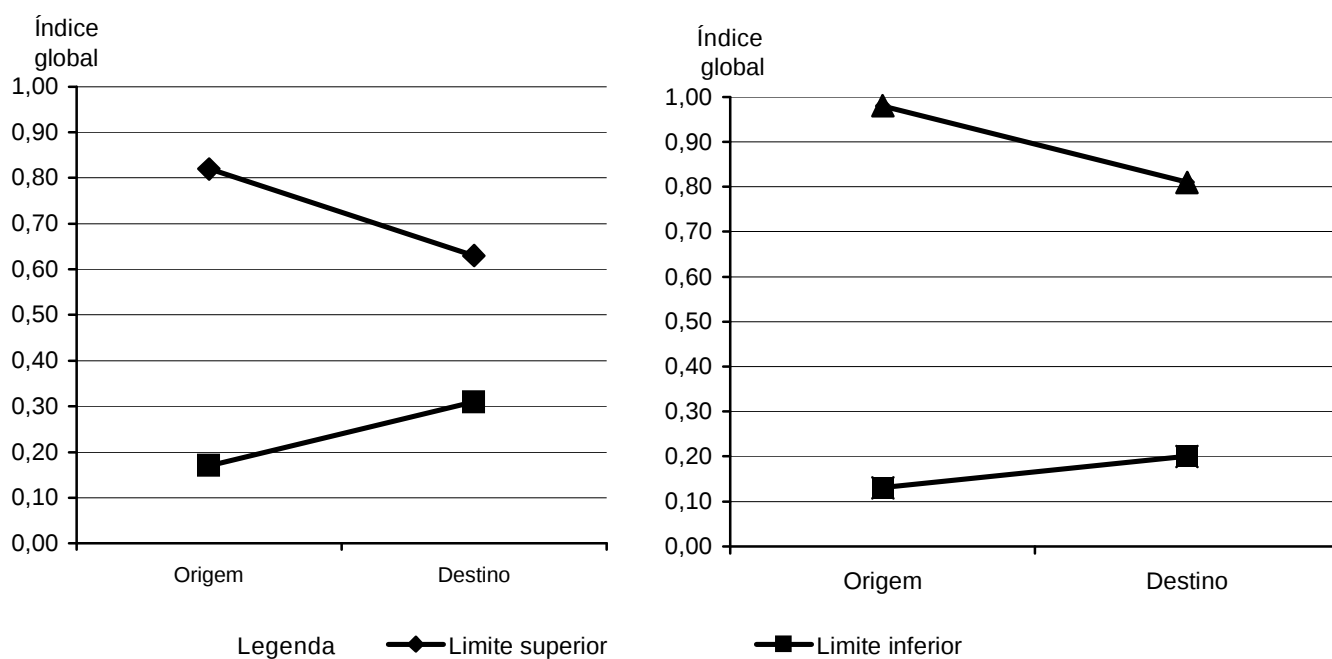
SUBGRUPOS OCUPACIONAIS CBO 2002	ÍNDICE GLOBAL (1)	ÍNDICE DESTINO (2)	MOBILIDADE
919 - Outros trabalhadores na reparação e manutenção de equipamentos	0,4233	0,3742	Descendente
374 - Técnicos em operação de aparelhos de sonorização, cenografia e proj ...	0,4220	0,4069	Descendente
311 - Técnico em ciências físicas e químicas	0,4169	0,3681	Descendente
414 - Escriturários de controle de materiais e de apoio à produção	0,4104	0,3807	Descendente
711 - Trabalhadores da extração mineral	0,4103	0,3570	Descendente
862 - Operadores de utilidades	0,4041	0,3771	Descendente
813 - Operadores de outras instalações químicas, petroquímicas e afins	0,4037	0,3624	Descendente
332 - Professores leigos no ensino fundamental e no profissionalizante	0,3975	0,4741	Ascendente
761 - Trabalhadores das indústrias têxteis	0,3844	0,3791	Descendente
412 - Secretários de expediente e operadores de máquinas de escritórios	0,3790	0,4029	Ascendente
768 - Trab. artesanais das atividades têxteis, do vestuário e das artes g	0,3773	0,3365	Descendente
731 - Montadores e instaladores de equipamentos eletroeletrônicos em geral	0,3708	0,3974	Ascendente
300 - Técnicos mecatrônicos e eletromecânicos	0,3656	0,4739	Ascendente
833 - Confeccionadores de produtos de papel e papelão	0,3624	0,3511	Descendente
723 - Trab. de tratamento térmico e de superfícies de metais e de compósitos	0,3505	0,3472	Descendente
710 - Supervisores da extração mineral e da construção civil	0,3434	0,3663	Ascendente
840 - Supervisores da fabricação de alimentos, bebidas e fumo	0,3379	0,3773	Ascendente
510 - Supervisores dos serviços	0,3308	0,3464	Descendente
621 - Trabalhadores na exploração agropecuária em geral	0,3190	0,3129	Descendente
848 - Trab. artesanais na agroindústria, na indústria de alimentos e do	0,3172	0,3237	Ascendente
841 - Operadores de equipamentos na preparação de alimentos e bebidas	0,3102	0,3103	Ascendente
811 - Operadores de instalações em indústrias químicas, petroquímicas e a...	0,3086	0,3392	Ascendente
395 - Técnicos de apoio em pesquisa e desenvolvimento	0,3061	0,3111	Ascendente
773 - Trab. da transformação da madeira e da fabricação do mobiliário	0,2980	0,3279	Ascendente
784 - Embaladores e alimentadores de produção	0,2905	0,3458	Ascendente
512 - Trabalhadores dos serviços domésticos em geral	0,2887	0,3348	Ascendente
772 - Trabalhadores da preparação da madeira	0,2828	0,3534	Ascendente
516 - Trabalhadores nos serviços de embelezamento e cuidados pessoais	0,2808	0,3355	Ascendente
623 - Trabalhadores na pecuária	0,2764	0,3249	Ascendente
991 - Outros trabalhadores da conservação e manutenção (exceto trabalha-			
do	0,2659	0,3279	Ascendente
765 - Trabalhadores da confecção de artefatos de tecidos e couros	0,2649	0,3338	Ascendente
810 - Supervisores de produção, em indústrias químicas, petroquímicas e a...	0,2573	0,3533	Ascendente
783 - Trabalhadores de manobras sobre trilhos e movimentação e cargas	0,2463	0,3273	Ascendente
763 - Trabalhadores da confecção de roupas	0,2460	0,3314	Ascendente
622 - Trabalhadores agrícolas	0,2417	0,3089	Ascendente
519 - Outros trabalhadores de serviços diversos	0,2320	0,3278	Ascendente
641 - Trabalhadores da mecanização agropecuária	0,2309	0,3724	Ascendente
992 - Trabalhadores elementares da manutenção	0,2074	0,3115	Ascendente
524 - Vendedores a domicílio, ambulantes e em bancas	0,2073	0,3235	Ascendente
514 - Trab. nos serviços de administração, conservação e manutenção de			
ed	0,2014	0,3105	Ascendente
775 - Trabalhadores em acabamento de madeira e de mobiliário	0,1966	0,3644	Ascendente
820 - Supervisores de produção em indústrias siderúrgicas	0,1893	0,4020	Ascendente
823 - Trab. de instalações e equipamentos de material de construção, cera ...	0,1667	0,3380	Ascendente

FONTE: RAISMIGRA. Ministério do Trabalho e Emprego.

(1) Índice global do subgrupo. (2) Índice global de cada subgrupo de destino ponderado pela participação.

Gráfico 1

Limites superiores e inferiores das distribuições do índice global, na origem e no destino,
de jovens e de adultos na RMPA — 2003-06



FONTE: RAISMIGRA. Ministério do Trabalho e Emprego.

Tabela 4

Índice global, índice de destino e mobilidade, segundo os subgrupos ocupacionais de alta transferência entre trabalhadores adultos, na RMPA — 2004-06

SUBGRUPOS OCUPACIONAIS CBO 2002	ÍNDICE GLOBAL (1)	ÍNDICE DESTINO (2)	MOBILIDADE
254 - Auditores fiscais públicos	0,9820	0,6647	Descendente
242 - Advogados do poder judiciário e da segurança pública	0,9788	0,8137	Descendente
213 - Físicos, químicos e afins	0,9643	0,7004	Descendente
203 - Pesquisadores	0,9597	0,6259	Descendente
395 - Técnicos de apoio em pesquisa e desenvolvimento	0,8880	0,5584	Descendente
121 - Diretores gerais	0,8317	0,5225	Descendente
353 - Técnicos de nível médio em operações financeiras	0,8229	0,6128	Descendente
131 - Diretores e gerentes em empresa de serviços de saúde, de educação,	0,7848	0,7000	Descendente
232 - Professores do ensino médio	0,7778	0,7298	Descendente
253 - Profissionais de relações públicas, publicidade, <i>marketing</i> e comerc... ..	0,7587	0,6199	Descendente
122 - Diretores de produção e operações	0,7575	0,6298	Descendente
331 - Professores de nível médio na educação infantil, no ensino fundamen... ..	0,7445	0,6178	Descendente
321 - Técnicos da produção agropecuária	0,6590	0,4577	Descendente
233 - Professores e instrutores do ensino profissional	0,6359	0,5880	Descendente
325 - Técnicos de bioquímica e da biotecnologia	0,6222	0,4698	Descendente
730 - Supervisores de montagens e instalações eletroeletrônicas	0,6211	0,5049	Descendente
263 - Membros de cultos religiosos e afins	0,6183	0,7033	Ascendente
861 - Operadores na geração e distribuição de energia (centrais hidrelétr... ..	0,6169	0,2688	Descendente
371 - Técnicos de serviços culturais	0,6155	0,5663	Descendente
372 - Técnicos em operação de câmara fotográfica, cinema e de televisão	0,6079	0,4752	Descendente
410 - Supervisores de serviços administrativos (exceto de atendimento ao... ..	0,5946	0,5288	Descendente
334 - Inspetores de alunos e afins	0,5853	0,5216	Descendente
391 - Técnicos de nível médio em operações industriais	0,5747	0,4774	Descendente
950 - Supervisores de manutenção eletroeletrônica e eletromecânica	0,5723	0,4122	Descendente
332 - Professores leigos no ensino fundamental e no profissionalizante	0,5674	0,5698	Ascendente
424 - Entrevistadores, recenseadores e afins	0,5622	0,4894	Descendente
412 - Secretários de expediente e operadores de máquinas de escritórios	0,5620	0,4180	Descendente
352 - Técnicos de inspeção, fiscalização e coordenação administrativa	0,5397	0,4574	Descendente
520 - Supervisores de vendas e de prestação de serviços	0,5360	0,4665	Descendente
141 - Gerentes de produção e operações	0,5217	0,4301	Descendente
373 - Técnicos em operação de emissoras de rádio, sistemas de televisão e... ..	0,5065	0,3782	Descendente
342 - Técnicos em transportes (logística)	0,5041	0,4248	Descendente
354 - Técnicos de nível médio em operações comerciais	0,5028	0,4394	Descendente
311 - Técnico em ciências físicas e químicas	0,4962	0,3605	Descendente
300 - Técnicos mecatrônicos e eletromecânicos	0,4916	0,5309	Ascendente
420 - Supervisores de atendimento ao público	0,4846	0,5065	Ascendente
820 - Supervisores de produção em indústrias siderúrgicas	0,4781	0,4505	Descendente
954 - Mantenedores eletromecânicos	0,4600	0,3731	Descendente
915 - Reparadores de instrumentos e equipamentos de precisão	0,4600	0,4065	Descendente
910 - Supervisores em serviços de reparação e manutenção mecânica	0,4584	0,4369	Descendente
376 - Artistas de artes populares e modelos	0,4512	0,4511	Descendente
840 - Supervisores da fabricação de alimentos, bebidas e fumo	0,4480	0,3812	Descendente
780 - Supervisores de trabalhadores de embalagem e etiquetagem	0,4404	0,3723	Descendente

(continua)

Tabela 4

Índice global, índice de destino e mobilidade, segundo os subgrupos ocupacionais de alta transferência entre trabalhadores adultos, na RMPA — 2004-06

SUBGRUPOS OCUPACIONAIS CBO 2002	ÍNDICE GLOBAL (1)	ÍNDICE DESTINO (2)	MOBILIDADE
992 - Trabalhadores elementares da manutenção	0,4137	0,3055	Descendente
862 - Operadores de utilidades	0,3723	0,2577	Descendente
813 - Operadores de outras instalações químicas, petroquímicas e afins	0,3623	0,2770	Descendente
620 - Supervisores na exploração agropecuária	0,3562	0,2978	Descendente
511 - Trabalhadores dos serviços de transporte e turismo	0,3549	0,3180	Descendente
810 - Supervisores de produção, em indústrias químicas, petroquímicas e a...	0,3467	0,3125	Descendente
991 - Outros trabalhadores da conservação e manutenção (exceto trabalho...	0,3466	0,2847	Descendente
374 - Técnicos em operação de aparelhos de sonorização, cenografia e proj...	0,3449	0,3259	Descendente
414 - Escriturários de controle de materiais e de apoio à produção	0,3396	0,3265	Descendente
510 - Supervisores dos serviços	0,3316	0,3415	Ascendente
421 - Caixas, bilheteiros e afins	0,3297	0,3895	Ascendente
725 - Montadores de máquinas e aparelhos mecânicos	0,3252	0,3172	Descendente
833 - Confeccionadores de produtos de papel e papelão	0,2881	0,2760	Descendente
919 - Outros trabalhadores na reparação e manutenção de equipamentos	0,2799	0,3344	Ascendente
832 - Trabalhadores da fabricação de papel	0,2766	0,2532	Descendente
752 - Vidreiros, ceramistas e afins	0,2749	0,2678	Descendente
423 - Despachantes	0,2728	0,2871	Ascendente
524 - Vendedores a domicílio, ambulantes e em bancas	0,2708	0,3312	Ascendente
770 - Supervisores em indústria de madeira, mobiliário e da carpintaria v...	0,2632	0,2560	Descendente
811 - Operadores de instalações em indústrias químicas, petroquímicas e a...	0,2537	0,2597	Ascendente
732 - Instaladores e reparadores de linhas e cabos elétricos e de comunic...	0,2523	0,3065	Ascendente
516 - Trabalhadores nos serviços de embelezamento e cuidados pessoais	0,2460	0,2953	Ascendente
761 - Trabalhadores das indústrias têxteis	0,2422	0,2821	Ascendente
641 - Trabalhadores da mecanização agropecuária	0,2246	0,2659	Ascendente
784 - Embaladores e alimentadores de produção	0,2237	0,2667	Ascendente
512 - Trabalhadores dos serviços domésticos em geral	0,1921	0,2892	Ascendente
783 - Trabalhadores de manobras sobre trilhos e movimentação e cargas	0,1921	0,2638	Ascendente
841 - Operadores de equipamentos na preparação de alimentos e bebidas	0,1893	0,2497	Ascendente
823 - Trab. de instalações e equipamentos de material de construção, cerâ...	0,1857	0,2349	Ascendente
773 - Trab. da transformação da madeira e da fabricação do mobiliário	0,1789	0,2389	Ascendente
768 - Trab. artesanais das atividades têxteis, do vestuário e das artes g...	0,1713	0,2082	Ascendente
772 - Trabalhadores da preparação da madeira	0,1692	0,2572	Ascendente
765 - Trabalhadores da confecção de artefatos de tecidos e couros	0,1521	0,2143	Ascendente
642 - Trabalhadores da mecanização florestal	0,1251	0,2034	Ascendente

FONTE: RAISMIGRA. Ministério do Trabalho e Emprego.

(1) Índice global do subgrupo. (2) Índice global de cada subgrupo de destino ponderado pela participação.

Considerações finais

No exercício desenvolvido, a base de dados RAISMIGRA, mesmo que limitada ao mercado formal de trabalho, mostrou-se uma ferramenta de alto valor para a análise da mobilidade ocupacional, possibilitando tanto acompanhar os movimentos dos trabalhadores quanto a exploração de indicadores que qualifiquem os deslocamentos. Embora já utilizada em outros estudos, conforme assinalado ao longo deste trabalho, na investigação ora desenvolvida, experimentou-se uma desagregação ocupacional ainda pouco explorada. Nesse sentido, a pesquisa aqui apresentada propiciou o desenvolvimento de uma série de procedimentos no tratamento dos dados, que se mostraram profícuos tanto para a identificação dos deslocamentos no mercado de trabalho como para a qualificação desses deslocamentos.

Contudo, este estudo se ressentia de uma análise aprofundada acerca da transferência ocupacional e dos diferentes tipos de mobilidade evidenciadas. No entanto, isso não estava no escopo do objetivo proposto para o mesmo. Ainda em uma fase exploratória e com objetivo menos audacioso, propunha-se identificar as ocupações com maior transferência, ou seja, com menor retorno para a mesma ocupação de origem. Na pesquisa empreendida, o intento preliminar foi alcançado e, adicionalmente, avançou-se no sentido de esboçar uma proposta de qualificação da mobilidade ocupacional entre ascendente ou descendente.

Concentrando-se nos resultados obtidos quanto à alta transferência ocupacional, observaram-se aquelas ocupações cujo volume de emprego também se apresentava elevado. Visou-se, deste modo, a trabalhar-se com ocupações que registrassem alta transferência e, ao mesmo tempo, fossem efetivamente mais expressivas quanto à importância no mercado de trabalho. Nesse sentido, elencam-se algumas ocupações com maior transferência e maior contingente de trabalhadores. Para os jovens, destacam-se os embaladores e alimentadores de produção e os trabalhadores nos serviços de administração, conservação e manutenção de edifícios. Já para os adultos, podem-se elencar os professores do ensino médio e os supervisores de serviços administrativos. Assim, essas ocupações, dentre algumas outras com as mesmas características, poderiam ser objeto de análise aprofundada, pois, nesses casos, a transferência se torna mais curiosa, uma vez que os maiores contingentes podem também significar maiores oportunidades de retorno.

A continuidade deste estudo coloca o desafio de aprofundar-se a análise sobre as ocupações que aqui foram identificadas como de maior transferência, tendo em vista que a transferência, ao significar uma interrupção no exercício da ocupação, põe em risco a possibilidade de preservação e, até mesmo, de constituição da qualificação profissional. Nesse sentido, algumas direções podem ser sugeridas. Uma primeira seria a de averiguar a associação entre a não permanência na ocupação e as características desta. A maior generalidade do conteúdo da ocupação, em sentido oposto à especialização, poderia viabilizar o trânsito entre ocupações adjacentes. Uma outra direção poderia ser a de verificar as alterações ocorridas nas ocupações, levando ao desuso de algumas, à extinção de outras, à emergência de novas, e, entre as sobreviventes, em alguns casos, observam-se alterações nas funções que as configuram.

Referências

- ALBUQUERQUE, L. S. G. **Mobilidade de emprego entre os jovens brasileiros**. 2008. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- BASTOS, R. L. A.; MATOS, J. D. Mudanças e permanências na inserção ocupacional dos jovens na Região Metropolitana de Porto Alegre. In: ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 4., Porto Alegre. [Anais...]. Porto Alegre: PUCRS/FEE, 2008. (29 p.). Disponível em: <<http://www.pucrs.br/eventos/eeg/trabalhos/>>. Acesso em: 10 fev. 2009.
- BIANCHI, A. M.; PASTORE, J. Novas evidências acerca das ocupações no mercado de trabalho. **Nova Economia**, Belo Horizonte, UFMG, n. 1. p. 61-87, jul. 1999.
- BRANDÃO et al. Mobilidade ocupacional: a experiência da Região Metropolitana de São Paulo. In: GUIMARÃES, N. A.; HIRATA, H. (Org.). **Desemprego: trajetórias, identidades, mobilizações**. São Paulo: Senac, 2006. p. 91-125. (Trabalho e Sociedade).
- BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO (MTE). **Classificação Brasileira de Ocupações. CBO 2002: Códigos, Títulos e Descrições**. Brasília, 2002. (Livro 1). Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/>>. Acesso em: 9 mar. 2009.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Base de dados RAISMIGRA**. Modelos PAINEL e VÍNCULO. Orientações para uso. Brasília: MTE, 2007.

CARDOSO, A. M. **Trabalhar, verbo transitivo**: destinos profissionais dos deserdados da indústria automobilística. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

CARDOSO, A. M.; COMIN, Á. A.; GUIMARÃES, N. A. Os deserdados da indústria: reestruturação produtiva e trajetórias intersetoriais de trabalhadores demitidos da indústria brasileira. In: GUIMARÃES, N. A.; HIRATA, H. (Org.). **Desemprego**: trajetórias, identidades, mobilizações. São Paulo: Senac, 2006. p. 91-125. (Trabalho e Sociedade).

CARUSO, A.; PERO, V. Empregabilidade e reconversão profissional: trabalhadores desligados da indústria. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, Fundação Seade, v. 11, n. 1, p. 70-81. 1997.

CASTRO, N. A.; CARDOSO, A. M.; CARUSO, L. A. C. Trajetórias Ocupacionais, Desemprego e Empregabilidade: há algo de novo na agenda dos estudos sociais do trabalho no Brasil? **Contemporaneidade e Educação**, Rio de Janeiro: IECEC, ano II, n. 1, p. 7-23, 1997.

FOLLADOR, P. M. D. O.; SOARES, M. R. M. A ocupação no Município de Porto Alegre: uma visão acerca da contribuição da Capital na dinâmica do mercado de trabalho metropolitano. In: WILTGEN, R. S.; GARCIA, L. Santos (Coord.) **Transformações do mercado de trabalho metropolitano: os 10 anos da PED-RMPA**. Porto Alegre: FEE; FGTAS/SINE-RS; DIEESE; SEADE-SP; FAT/MET; PMPA, 2002. p. 143-176.

FOURASTIÉ, J. A Distribuição da mão-de-obra: I. dimensões profissionais, I. No Nível Nacional. In: FRIDMANN, G.; NAVILLE, P. (Org.). **Tratado de sociologia do trabalho**. São Paulo: Cultrix, 1973. v. 2, p. 167-202.

FRANZOI, N. L. **Entre a formação e o trabalho**: trajetórias e identidades profissionais. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2006.

GUIMARÃES, N. A. **Caminhos cruzados**: estratégias de empresas e trajetórias de trabalhadores. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Ed. 34, 2004.

GUIMARÃES, N. A. Novas formas, novas medidas?: desemprego, trajetórias ocupacionais e experiência na produção de informações. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, Fundação Seade, v. 20, n. 4, p. 103-126, out./dez. 2006.

JANNUZZI, P. de M. Migração e mercado de trabalho: uma análise retrospectiva da mobilidade ocupacional dos migrantes em São Paulo nos anos 80. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DO TRABALHO, 4., 1999, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ABET, 1999. v. 1, p. 81-108.

MACHADO, A. F.; OLIVEIRA, A. M. H. C. de. Transições no Mercado de Trabalho Brasileiro: uma análise de categorias ocupacionais. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DO TRABALHO, 4., 1999, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ABET, 1999.

MARQUES, M. M. A mobilidade ocupacional: notas para uma discussão sobre a flexibilidade do emprego em Portugal. **Organização e Trabalho**, Lisboa, APSIOT, n. 14, p. 107-143, dez. 1995.

NAVILLE, P. O emprego, o ofício, a profissão. In: FRIDMANN, G.; NAVILLE, P. (Org.). **Tratado de sociologia do trabalho**. São Paulo: Cultrix, 1973b. v. 2, p. 265-275.

NAVILLE, P. População ativa e teoria do emprego. In: FRIDMANN, G.; NAVILLE, P. (Org.). **Tratado de sociologia do trabalho**. São Paulo: Cultrix, 1973a. v. 2, p. 167-202.

OLIVEIRA, L. Reestruturação e emprego: o caso dos lanifícios da Covilhã. **Organização e Trabalho**, Lisboa, APSIOT, n. 7/8, p. 45-57, dez. 1992.

PARENZA, C. T.; SANDI, D. Trajetórias no mercado de trabalho e qualificação dos trabalhadores: um panorama da Região Metropolitana de Porto Alegre no período de 2003 a 2006. In: SIMIONATO, M. F. (Org.). **Percursos investigativos em trabalho, educação e formação profissional**. Novo Hamburgo: Centro Universitário FEEVALE, 2009. (publicação on-line).

PASTORE, J. **Desigualdade e mobilidade social no Brasil**. São Paulo: T. Q. Queiroz, 1979.

PERO, V. Duração do (des)emprego formal e mobilidade ocupacional. In: GUIMARÃES, Nadya Araújo; HIRATA, H. (Org.). **Desemprego: trajetórias, identidades, mobilizações**. São Paulo: Senac, 2006. Série Trabalho e Sociedade. p. 91-125.

RODRIGUES, E. S.; ALBUQUERQUE, E. da M.; OLIVEIRA, A. M. H. C. de. Uma análise da mobilidade ocupacional no Brasil segundo o nível tecnológico das ocupações. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 16, Caxambu, 2008. **As Desigualdades Sócio-Demográficas e os Direitos Humanos no Brasil, 2008**. [Caxambu, MG]: Hotel Glória, 2008. (Comunicação apresentada na sessão temática 34 — Mobilidade, inserção ocupacional e qualificação profissional no Brasil).

SCALON, M. C. **Mobilidade social no Brasil: padrões e tendências**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997. (Tese de Doutorado).

SCHNEIDER, E. M.; PARENZA, C. T. A Informação e as Políticas Públicas: uma relação virtuosa? In: CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE DESENVOLVIMENTO DE CIDADES, 2008, Porto Alegre. [**Anais...**]. Porto Alegre, RS: PUCRS, 2008. (Comunicação especialmente preparada para o Agora de apresentações).

SILVA, N. do V. As duas faces da mobilidade. **Dados**, São Paulo, 21, p. 49-68, 1979.

SILVA, N. do V. Mobilidade Social. In: MICELI, S. (Org.). **O que ler na ciência social brasileira**. São Paulo: Sumaré; Brasília: ANPOCS; CAPES, 1999. v. 2. Sociologia, p. 57-94.

STERNBERG, S. S. W. A RAIS-MIGRA como instrumento de análise do mercado de trabalho: um exercício a partir dos dados do Rio Grande do Sul. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 28, n. 4, p. 183-199, 2001.